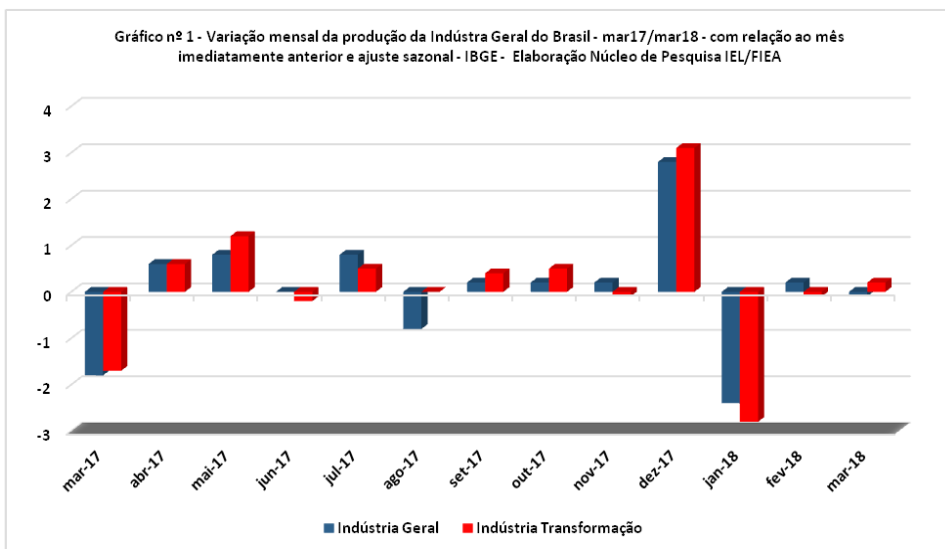




## SÍNTESE DO PANORAMA CONJUNTURAL FIEA

### Indústria mantém fraco dinamismo

Os dados da indústria em geral em março assim como os da transformação apresentaram em relação a fevereiro fraco dinamismo: -0,1% e 0,2%, respectivamente, como pode ser visto no gráfico nº 1. Estes resultados levaram as médias móveis trimestrais das respectivas indústrias a apresentarem variações negativas, o que reforça o menor dinamismo. Em relação a igual período no ano anterior o crescimento foi de 1,6%, abaixo dos 2,8% de março e bem abaixo dos 5,8% registrados em janeiro. Em função deste desempenho pouco satisfatório da indústria, alguns bancos, como é o caso do Itaú, revisou para baixo suas estimativas do PIB para 2018, passando 3,0%aa para 2,0%aa. A indústria em números publicados pela CNI registrou queda no faturamento real da indústria de -2,5% e de -0,2 no emprego na passagem de fevereiro para março com ajuste sazonal. Além dos fatores apontados no Panorama Conjuntural FIEA de março, como a melhora muito gradual no mercado de trabalho, com a criação de vagas concentradas nos postos de trabalho por conta própria e sem carteira assinada, o que aumenta a cautela das famílias em suas decisões de gastos, principalmente de bens de consumo duráveis; capacidade ociosa ainda acima da média histórica, segundo a FGV e CNI; e taxas médias de juros (na modalidade recursos livres), mesmo com a redução da taxa básica selic, ainda em patamares bastante elevados para as famílias e empresas, em torno de 58,0%aa e 23,0%aa, respectivamente; outros riscos internos e externos podem comprometer o dinamismo da indústria nos próximos meses. O primeiro deles é a crise cambial da Argentina uma vez que 78,0% das exportações da indústria automobilística brasileira tem naquele país o seu principal destino. O segundo diz respeito a valorização dos títulos da dívida pública americana, em função das expectativas de aumento dos juros básicos a um ritmo mais forte pelo Banco Central Americano (FED), que junto com a maior incerteza quanto ao quadro eleitoral no Brasil tem levado a uma forte desvalorização do real frente ao dólar,



da ordem de 16,0% desde o início do ano. O terceiro está associado a valorização do barril de petróleo, hoje próximo U\$ 80,0, alavancado pelos conflitos EUA X Irã, e seus reflexos nos custos dos derivados industriais, que serão potencializados pela desvalorização do real. Por fim, há os reflexos negativos da desvalorização cambial sobre as dívidas em dólares das empresas brasileiras, o que pode comprometer o processo de desalavancagem e aumentar a fragilidade financeira destas empresas. Em síntese, este conjunto de fatores tem levado desde o final de abril a uma forte revisão da mediana do mercado financeiro quanto ao crescimento do PIB em 2018, que passa de 2,8% para 2,51%, assim como para o IPCA nos próximos doze meses que começa a se aproximar do centro da meta de 4,5%aa. Ambos estariam refletindo os efeitos negativos dos riscos acima sobre o nível de atividade e os custos de produção. Contrariando a maioria dos analistas do mercado financeiro que apostava em um corte na selic de 25pb, o Banco Central decidiu manter a selic em 6,5%aa na reunião de maio do Comitê

de Política Monetária (COPOM) e sinalizou que a manterá neste patamar, IPCA ao longo de 2018. As razões para o corte estavam, de um lado, no comportamento do IPCA no acumulado de doze meses até abril que, segundo o IBGE, continuou abaixo do piso da meta com 2,76%, um pouco acima do registrado em março de 2,68%, como no fato do mercado começar a revisar para baixo as previsões para o crescimento da economia brasileira em 2018, como apontado no tópico anterior. Por sua vez, assim como no mês de março, contribuíram para manter o IPCA abaixo do piso da meta de 3,0%aa, as deflações de -0,46% dos bens duráveis e de -2,43% de não duráveis, assim como a contínua desaceleração da inflação de serviços que passou de 4,32% em janeiro para 3,47% em abril. A inflação do setor de monitorados apresentou variação significativa de março para abril, de 7,05% para 8,34%, em parte puxada pelo aumento dos combustíveis e energia elétrica, enquanto semiduráveis registrou uma pequena queda, de 1,94% para 1,89%.

### Banco Central mantém selic em 6,50%

As razões para a decisão do Banco Central de manter a selic em 6,5%aa podem estar relacionadas aos riscos apontados na primeira parte do Panorama Conjuntural FIEA deste mês, ou seja, aos impactos da desvalorização cambial sobre as expectativas de inflação para os próximos doze meses, que podem ser minimizados pela retomada em ritmo gradual observado na economia brasileira; como também associadas aos efeitos sobre os fluxos financeiros para o Brasil, uma vez que em um contexto de incerteza política, taxas de juros reais baixas e desvalorização cambial levam a saída de capitais, pressionando ainda mais

a taxa de câmbio, principalmente com expectativas de alta das taxas de juros americana. Como o Banco Central dispõe de um volume muito elevado de reservas, cerca de U\$ 380,0 bilhões, e de instrumentos como derivativos financeiros de hedge do tipo swap cambial, que permite vender dólar no mercado futuro, ele tem muita bala na agulha para enfrentar a pressão para desvalorizar o real. Todavia, os riscos internos e externos têm aumentado e isto pode ter pesado na avaliação realizada pelo Banco Central. É importante registrar mais uma vez que as reduções sistemáticas da taxa selic realizadas pelo BCB continuou

afastando o Brasil da incômoda liderança, registrada no passado, em termos de taxa real de juros em nível global. Ou seja, com 2,3%aa o Brasil caiu para sétima posição abaixo da Argentina, que em função da crise cambial, ocupa hoje o primeiro lugar com taxa real de 14,29%, seguida da Turquia com 8,38%, Rússia de 4,44%, México de 3,58%, Índia de 2,94% e Indonésia com 2,92%. A expectativa do Banco Central do Brasil é que as taxas na ponta para os consumidores e empresas comecem a cair em uma velocidade mais rápida, o que não tem ocorrido até o momento e é um dos fatores que explicam a retomada gradual da economia Brasileira.

# A produção Industrial Brasileira em março de 2018

O desempenho da indústria brasileira em março de 2018 apresentou, no levantamento com ajuste sazonal, leve redução de -0,1%. Na comparação com o mesmo mês em 2016 a indústria registrou aumento de 1,3%. De acordo com o Instituto de Estudos para o Desenvolvimento da Indústria (IEDI), “o ano de 2018 tem boas chances de conferir maior vitalidade e robustez à recuperação da indústria, já que os juros e a inflação encontram-se em patamares baixos, o crédito começa a fluir novamente, a taxa de câmbio não deve se apreciar e, no cenário externo, espera-se uma aceleração do comércio internacional. Além disso, depois de tantos anos de crise, empresas e famílias têm muita demanda reprimida para ser recomposta. É verdade, contudo, que não faltam fatores de risco neste quadro, tanto no front externo como no interno, a exemplo das eleições, que podem vir acompanhadas de volatilidade de variáveis importantes,



como prêmios de risco e taxa de câmbio. Por isso, teria sido conveniente se a indústria tivesse, desde o começo do ano, registrado um dinamismo mais forte do que efetivamente registrou.”

Ainda segundo o IEDI, “o nível de utilização da capacidade instalada da indústria de transformação, de acordo com a série da FGV com ajustes sazonais, foi de 76,1% em março de 2018. O indicador ficou praticamente estável frente ao mês imediatamente anterior entre outubro de 2017 e janeiro do presente ano, antes de subir 0,9 p.p. em fevereiro e 0,5 p.p.

em março. Entretanto, o atual nível de utilização continua muito inferior à média histórica do próprio indicador (80,3%). Já o indicador da CNI ficou em 78,2% em fevereiro de 2018, já descontados os efeitos sazonais, nível muito próximo ao de janeiro (78,1%) e de fevereiro (78,0%). Vale lembrar que o indicador havia encerrado o ano de 2017 em 77,9%, o mesmo patamar registrado em novembro do mesmo ano. Assim como no caso do indicador da FGV, a utilização da capacidade estimada pela CNI manteve-se abaixo de sua média histórica de 81,1%.”

## Variações da Produção - Março - 2018 - %

	No mês (com ajuste sazonal)	Mesmo mês ano anterior	No ano	Doze meses
Indústria Geral	-0,1	1,3	3,1	2,9
Bens de capital	2,1	8,3	10,8	7,4
Bens intermediários	-0,7	-0,2	1,7	2,0
Bens de consumo	0,2	2,0	3,9	3,5
Bens de consumo duráveis	1,0	15,8	16,2	14,5
Semiduráveis e não Duráveis	0,2	-1,6	0,9	0,9
Extrativa Mineral	3,9	-1,3	-2,3	1,8
Transformação	0,2	1,6	3,8	3,0

Fonte: IBGE - Pesquisa Industrial Mensal. Elaboração Própria.

### FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DE ALAGOAS- FIEA

#### PRESIDENTE

José Carlos Lyra de Andrade

#### 1º Vice presidente

José da Silva Nogueira Filho

#### Diretor executivo

Walter Luiz Jucá Sá

#### Gerente UNITEC

Helvio Vilas Boas

### INSTITUTO EUVALDO LODI – IEL

#### Diretor Regional

José Carlos Lyra de Andrade

#### Superintendente

Helvio Vilas Boas

#### Coordenadora de Inovação e Pesquisa

Eliana Sá

#### Elaboração

NÚCLEO DE INOVAÇÃO E PESQUISA DO IEL/AL

### EQUIPE TÉCNICA

Luciana Peixoto Santa Rita

Reynaldo Rubens Ferreira Junior

Laura Vitória Chagas Lins

Layne Mariela de Souza Santos Cordeiro

Luan Victor Ramalho de Oliveira

Yan Vasconcelos Navarro